



Documento padrão para submissão de trabalhos ao XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

“Los Unos” e “Los Otros”: a imprensa argentina narra o futebol brasileiro¹

Ronaldo Helal:²

Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar os resultados parciais do projeto “Futebol, Mídia e Nação: as narrativas sobre a seleção brasileira de futebol na imprensa argentina”, que foi realizado na Universidade de Buenos Aires, com o apoio da CAPES. Aqui relato minhas primeiras impressões de pesquisa e apresento análises da cobertura jornalística das partidas entre Brasil e Argentina que ocorreram em um espaço de 21 dias, em 2005 (uma pelas eliminatórias da Copa de 2006 e outra pela disputa do título da Copa das Confederações). Estas partidas não estavam no projeto inicial, mas foram fundamentais para a compreensão do “olhar argentino” sobre “nós”. Os jornais analisados nestas partidas foram *Clarín*, *Olé* e *La Nación*.

Palavras-chave

Futebol, Imprensa, Rivalidade Brasil-Argentinade

“Los Unos” e “Los Otros”: a imprensa argentina narra o futebol brasileiro

Ronaldo Helal – Professor da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Pós-Doutor em Ciências Sociais pela *Universidad de Buenos Aires*

1- Apresentação

O objetivo deste artigo é apresentar os resultados parciais do projeto “Futebol, Mídia e Nação: as narrativas sobre a seleção brasileira de futebol na imprensa argentina”, que está sendo realizado na Universidade de Buenos Aires, com o apoio da CAPES. Aqui relato minhas primeiras impressões de pesquisa e apresento análises da cobertura jornalística das partidas entre Brasil e Argentina que ocorreram em um espaço

¹ Trabalho apresentado ao NP Comunicação e Esporte, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom

² Pós-Doutor em Ciências Sociais pela *Universidad de Buenos Aires*; autor de “Jogo Bonito versus Fútbol Criollo: imprensa e olhar argentino sobre nosso futebol”. In Gastaldo, Édison e Guedes, Simoni (orgs.) *Nações em Campo: Copa do Mundo e Identidade Nacional*. São Paulo, Intertexto, 2006; co-autor de *A Invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria*, Rio de Janeiro Mauad, 2001, autor de *Passes e Impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*, Vozes, Petrópolis, 1997, entre outros trabalhos relacionados ao tema comunicação e esporte.



de 21 dias, em 2005 (uma pelas eliminatórias da Copa de 2006 e outra pela disputa do título da Copa das Confederações). Estas partidas não estavam no projeto inicial, mas foram fundamentais para a compreensão do “olhar argentino” sobre “nós”. Os jornais analisados nestas partidas foram *Clarín*, *Olé* e *La Nación*.

2 – Primeiras Impressões: “eles nos admiram”

Antes de vir para Argentina, amigos me alertaram sobre a possibilidade de meus filhos — de 8 e 11 anos — sofrerem alguma discriminação na escola. A Argentina parecia ser vista por muito brasileiros como um país que não gosta de brasileiros. A acolhidade de meus filhos em uma escola pública — as escolas públicas são boas e há várias, sem problemas de vagas — causou uma ótima impressão. Ao lado da escola está a escolinha de futebol do ex-jogador Marangoni, onde vemos crianças e adolescentes com camisas de times do Brasil e da seleção brasileira. Cena desconhecida dos brasileiros, de uma forma geral. Cheguei no verão e a quantidade de pessoas com sandálias havaianas com a bandeira do Brasil colada na parte da frente me surpreendeu, pois não conseguia imaginar brasileiros usando um traje de vestuário com a bandeira argentina. Música brasileira tocava em vários lugares e o livro *FIFA 100*, com a foto do Pelé na capa, estava na vitrine das livrarias da cidade, assim como DVDs de gols de Pelé e Ronaldinho.

Neste período de “descoberta” de como “o outro” nos vê, aconteceu o “caso Desábato”. Foi assim que ficou conhecida a suposta agressão racista do zagueiro do Quilmes contra o atacante Grafite do São Paulo, em uma partida pela Copa Libertadores da América 2005, e a queixa de Grafite na polícia que resultou na prisão do jogador argentino. As matérias sobre o “caso de racismo” do jogador Desábato chegaram às primeiras páginas dos jornais argentinos e o tom era de indignação pelo exagero da punição. Havia fotos do jogador algemado e manchetes sob o título “Vergonha” (*Clarín*, 15 de março) e “Inferno no Brasil” (*Olé*, 15 de março). Comecei a pesquisar os jornais brasileiros na internet e não encontrei matéria que comprovasse a ação de racismo de Desábato a Grafite. Por meio de leitura labial concluíram que Desábato teria dito “negro de merda”. Certamente, se isso ocorreu, houve racismo. Mas fiquei meio estarrecido pela falta de provas evidentes no caso e resolvi escrever um artigo para a seção *Opinião* do jornal *O Globo* relatando as minhas “primeiras impressões” em Buenos Aires e levantando a hipótese de que poderia ter havido um certo “anti-argentinismo” por parte



do Brasil. Ao mesmo tempo, fiz uma versão em espanhol e a enviei para o *Olé*. Por coincidência ambos foram publicados no mesmo dia: 21 de abril.

A publicação do artigo gerou uma amizade proveitosa para a pesquisa com o jornalista do *Olé*, Walter Vargas, bem como uma discussão acadêmica com meu interlocutor na *Universidad* de Buenos Aires, professor Pablo Alabarces. Apesar de discordar de meu artigo, Alabarces me disse uma frase que tem me feito pensar muito na relação Brasil-Argentina: “os brasileiros amam odiar os argentinos, enquanto os argentinos odeiam amar os brasileiros”³. Ao mesmo tempo, Vargas me dizia que recebia uma quantidade expressiva de e-mails insultuosos de brasileiros em várias ocasiões. Tentei verificar se o mesmo ocorria com os jornalistas do jornal *Lance!*, mas os jornalistas que eu mantive contato me disseram nunca ter recebido e-mails ofensivos de argentinos.

De tudo isso, o que tinha ficado na minha cabeça era uma “descoberta”: nós “implicamos” mais com eles do que eles conosco. De fato, toda rivalidade traz em si uma dose de admiração e de inveja. Só rivalizamos com quem tenha algo que desejamos possuir ou superar. Se rivaliza com quem é grande e tememos que seja maior do que nós. A *Ilíada* de Homero está repleta de passagens que retratam a admiração mútua entre gregos e troianos e entre os heróis Aquiles e Heitor. Mas diferente dos conflitos que levam à aniquilação de um povo sobre outro, no esporte a rivalidade é intrínseca a sua natureza. Não se rivaliza para aniquilar o outro, pois dele uma equipe ou nação necessita para se singularizar. Por isso, dificilmente esta rivalidade adquire consequências mais graves.

Mas se temos três mundias a mais que os argentinos, por que escutamos locutores de televisão, torcedores, técnicos e jogadores da seleção dizer que “ganhar é muito bom, mas ganhar da Argentina é melhor ainda?” Não estaríamos, no fundo, falando de uma admiração enorme que temos pelo futebol argentino? Mas nossa admiração não aparece explicitamente nas matérias de jornal, nem mesmo quando as equipes argentinas vencem as brasileiras na Copa Libertadores da América, por exemplo. Ao contrário da rivalidade argentina com nosso futebol, que consegue manifestar admiração em meio ao conflito, nossa rivalidade esconde a admiração e só tornamos visíveis o ódio e o ressentimento.

³ Na verdade, Alabarces me explicou depois que a frase tinha sido proferida por um amigo argentino que vive no Brasil., mas que ele estava de acordo com ela, tendo como base principalmente os quatro meses que passou na Unicamp em 2003.



3 - “Jogo Bonito” ou a Argentina “abrasileirada”: Brasil e Argentina nas matérias do *Clarín*, *Olé* y *La Nación* entre os dias 6 e 10 de junho de 2005

Os dois confrontos entre as seleções do Brasil e da Argentina em um espaço de 21 dias durante o mês de junho de 2005 não estavam no plano de trabalho de meu projeto. A primeira partida até que poderia estar, já que se tratava de um jogo pelas eliminatórias da Copa do Mundo de 2006 e eu poderia ter consultado a tabela. Mas a segunda não poderia mesmo estar, pois ocorreu por forças das circunstâncias esportivas durante a Copa das Confederações, realizada na Alemanha em 2005. De qualquer forma, foi de muita valia a coleta do material jornalístico durante os dois períodos bem como minha presença *in loco* em Buenos Aires nas duas ocasiões.

Por conta destes dois confrontos, começo a levantar uma hipótese que pode vir a responder a uma pergunta do projeto. Se para os articulistas argentinos a “essência” do futebol argentino está no “futebol criollo”, não inglês, e seu mais notável emblema é o que se convencionou chamar de “gambeta”, característica típica dos “potreros”, para os articulistas brasileiros (principalmente o jornalista Mario Filho, com o “aval” do sociólogo Gilberto Freyre⁴), a “essência” do futebol brasileiro está no “drible”, no “jogo de cintura”, na “malandragem”, características que não se aprendem em escolas mas sim nos “campos de pelada” e onde sua principal figura é o negro, o mestiço, ou o “futebol não-branco.” Ou seja, os argentinos “construíram” uma imagem de futebol nacional muito semelhante à dos brasileiros. O que eles fazem então quando olham para “nós”? Identificam-se conosco ou constroem um outro sentido de “argentinidade” que não estaria baseado no “criollismo”? Não é uma pergunta fácil de ser respondida peremptoriamente. Na análise sobre o Mundial de 1970, verifiquei uma identificação com o futebol brasileiro, que estaria representando, em última instância, a “escola sul-americana”. No entanto, nestes confrontos recentes, ocorridos em 2005, o que observamos é que ao se deparar com o futebol brasileiro, o argentino “muda sua identidade” e traz para si um elemento mais “europeizado” que seria a “força”. Não que este atributo não exista na Argentina, mas ele costuma ser mais secundarizado nos

⁴ Um dos jornalistas que mais influenciou a “construção” simbólica do “estilo argentino” de jogar futebol foi Eduardo Lorenzo, conhecido como Borocotó. A gambeta pode ser definida como o drible com jogo de cintura, com “malandragem”. Aqui se usa a expressão “viveza criolla”. Já “potrero” teria seu similar no Brasil nos “campos de várzea”. Ver Alabarces (2002) e Archetti (2003). Gilberto Freyre assina o prefácio do livro *O Negro no Futebol Brasileiro* de Mario Filho, o que conferiu ao livro, no olhar de muitos, um estatuto quase “acadêmico”. A este respeito, ver a crítica de Soares in Helal, Soares e Lovisoló (2001)



confrontos com os europeus, priorizando aqui o futebol “criollo”, baseado, em última instância, na “gambeta”. Nestas partidas contra o Brasil, tornou-se evidente a crença difundida aqui de que os brasileiros são os donos do “jogo bonito”, assim mesmo em português. Ou seja, a identidade do futebol argentino mais atrelada ao “futebol-arte” se modifica diante do Brasil⁵, visto como emblema do “jogo bonito”.

Um as palavras antes de iniciar a análise do material jornalístico sobre a partida Brasil-Argentina pelas eliminatórias 2006. Assisti ao jogo entre Brasil e Paraguai, vencido pelo Brasil por 4 a 1, em um canal de televisão argentino. Anotei algumas passagens da locução que considero reveladoras do “olhar” argentino sobre o futebol brasileiro: a) “Ellos juegan divirtiéndose” (quando a partida estava 2 a 0), b) “Ahora para los amantes del buen fútbol: todo el lujo del fútbol brasileño” (após o terceiro gol da seleção brasileira) e, c) “La magia y la fantasía del jugador brasileño” (após um drible de Kaká). As três frases foram proferidas em tom emocionado. No entanto, o comentarista afirmou que os dois primeiros gols do Brasil foram resultados de pênaltis inexistentes (o locutor discordava abertamente do comentarista), apesar de deixar claro que a seleção venceria de qualquer modo. A “expectativa” do locutor em ver o Brasil “jogar bonito” era notória. No material coletado (mais ainda não analisado) sobre as Copas de 1994 e 1998 tive a sensação de que esperava-se ver o Brasil “jogar bonito” e criticava-se sempre que isso não ocorria. Dito isso, passemos para a análise dos jornais.

Iniciemos pelo *Olé*, jornal que surge em 1996, editado pelo grupo *Clarín*, e que desde seu surgimento, se torna muito popular, ocupando o espaço da revista *El Gráfico*. Notemos que a linha editorial do jornal é altamente provocativa. Em relação ao Brasil, o jornal mantém um “diálogo” constante com o jornal brasileiro *Lance!* (que surge depois do *Olé*). Frequentemente jornalistas do *Lance!* escrevem artigos no *Olé* e o jornal costuma publicar as provocações do *Lance!*. Durante a Copa do Mundo de 1998 os dois – *Olé* e *lance!* – fizeram edições com juntas conjuntas, em espanhol e em português, para os argentinos e brasileiros que se encontravam na França, sede daquela Copa.

No dia 6 de junho, logo após a vitória sobre o Paraguai, *Olé* colocava no canto da primeira página: “No lo mires fijo que te cobran penal”, com o texto dizendo que “con fallos polémicos, Brasil se puso 2-0. Y después, baile y floreo”. *Olé* tenta consolidar a

⁵ Estamos partindo da identidade “construída” pelos argentinos de seu futebol, tendo como base as análises de Archetti (2003) e Alabarces (2002). Ver também Guedes (2002) para uma análise sobre estas “constituições” nos dois países. Guedes aponta que “nossas diferenças” situam-se nos elementos étnicos que compuseram a história de Brasil e Argentina: “de um lado italianos, espanhóis e gaúchos, de outro índios, negros e brancos”. É uma hipótese que deve ser levada em consideração, mas necessitamos de mais pesquisas para comprová-la.

crença de que as arbitragens favorecem o Brasil. Porém, ao lado aparece uma foto de Simeone, ex – jogador da seleção argentina e que estava promovendo a partida no país, com a seguinte frase: “Brasil saca cracks y Argentina, grandes jugadores”. Esta frase de Simeone será repetida diversas vezes, principalmente quando a seleção brasileira vence a Copa das Confederações. Na página 6 do jornal, temos um artigo de Oscar Ruggeri falando do “talento” do Brasil mas ao mesmo tempo enfatizando: “pero ojo que el del miércoles es un clásico. Tienen que jugar nada menos que contra Argentina y en Buenos Aires. E históricamente, a ellos siempre se les complica cuando tienen que venir a jugar acá”. Esta foi uma crença muito difundida neste período: de que a seleção brasileira “treme” quando joga contra a Argentina, principalmente quando a partida é no Monumental de Nuñes (estádio do River Plate).

Na matéria sobre a vitória sobre o Paraguai, o título diz: “Vienen Sambando”. O texto volta a enfatizar que os penaltis não existiram, mas deixa claro que o Brasil não precisava deles para vencer. A crença de que o Brasil se “apequena” aqui é corroborada pelo jornalista Ricardo Gotta: “El miércoles será otra historia. La Selección. En Buenos Aires. El clásico. Las camisetas. Los antecedentes.” (*Olé*, 6 de junho de 2005).

Já o *La Nación* do mesmo dia coloca em um canto do lado de cima de sua primeira página, evidenciando o valor dado a partida: “Ya llegó el dream team” e na seção esportiva temos uma foto do atacante argentino Crespo dizendo que “Brasil es el dream team”. O mais interessante desta edição foi o artigo de Juan Pablo Varsky que está na última página da seção esportiva. O título do artigo é “Ronaldinho, el artista alegre” (con foto de Ronaldinho rindo). O texto diz em alguns momentos: “Ronaldinho ama al fútbol. Lo disfruta, **se divierte, transmite alegría**. Hasta sus adversarios lo entienden. Aun cuando son humillados por algún **truco de su mágico repertorio** (grifos meus). Ele termina o artigo dizendo que “Ronaldinho Gaucho es simplemente irresistible. Por eso, también **nosotros estamos contando las horas para verlo jugar 90 minutos**” (grifos meus).

Temos aqui os estereótipos das “essencializações” que os próprios brasileiros fazem de si: “alegria”, “magia” e “arte”. Mais interessante ainda é ler que os argentinos estão contando as horas para ver Ronaldinho Gaucho por 90 minutos. É uma declaração de admiração explícita que, junto com outras matérias, parece estar corroborando a frase de que os argentinos “odeiam amar os brasileiros”.

No dia 7 de junho, o *Olé* traz uma entrevista com Caniggia para falar sobre a vitória da seleção argentina sobre a brasileira, por 1 a 0, na Copa de 1990. Rememorar esta



vitória “engrandece” a Argentina diante de um rival que vem “agrandado”, conforme eles escreviam, e vai criando um “clima de igualdade” para o clássico.

O *Clarín* do mesmo dia, por exemplo, coloca como matéria mais importante para o jogo: “La Selección tiene su R”. E aí publica uma entrevista com Riquelme dizendo que “a seleção argentina é a melhor do mundo”, discordando frontalmente de Simeone e outros.

La Nación do dia 7 de junho publica na seção de esportes a matéria com o título: “Difícil, pero no imposible”. E o texto inicia assim:

“El **espíritu colectivo** de la Argentina y la distribución de los volantes de la Argentina serán vitales para superar **el brillo individual** de los brasileños”. “**Respeto, admiración, atención...**, es lógico. Pero ¿sumisión y temor también? Algunas voces asumen su inferioridad con relación al penta campeón mundial. Puede ser un juego dialéctico para trasladar de vereda la presión, o **sinceras confesiones**” (*La Nación*, 7 de junho de 2002. Grifos meus)

Fica evidente no texto acima o acionamento de atributos “menos criollistas” para poder vencer aos que tem “brillo individual”.

No dia 8 de junho, dia do confronto, os três jornais traziam na capa a foto de Maradona abraçado a Ronaldinho Gaúcho. O *Clarín* colocou na legenda da foto: “El más grande y su discípulo”. Dentro a matéria diz “El abrazo del fútbol: lo de lunes fue un auténtico abrazo de fútbol entre **el jugador más extraordinario** que dio la historia, Diego Maradona, y su **posible heredero**, Ronaldinho” (*Clarín*, 8 de junho de 2005. Grifos meus). Já o *Olé* legendou a foto da seguinte maneira: “el mejor de la historia con el mejor de hoy. Jogo bonito” (*Olé*, 8 de junho de 2005). Observemos aí a expressão “jogo bonito”, em português, como é frequentemente escrita aqui ao referir-se ao Brasil. A imagem de Maradona abraçado a Ronaldinho é um recurso de acionamento da memória de um passado recente onde o mito da “gambeta” e do “futebol criollo” estavam em evidência na Argentina. Isto demonstra a tensão entre a “constução” do futebol argentino com elementos semelhantes aos da “constução” do futebol brasileiro e os atributos “europeizados” acionados no confronto com o Brasil.

Com a vitória da Argentina por 3 a 1, os três jornais publicaram matérias com fotos em suas primeiras páginas. No *Clarín*, temos quase toda a capa ocupada por uma foto de Crespo e Riquelme e o título: “Argentina Gozó con Brasil y va al Mundial”. Na seção de esporte temos, entre outros títulos semelhantes, que “el **brillo propio** de la selección apagó a las **estrellas de Brasil**” (*Clarín*, 8 de junho de 2005. Grifos meus.) E o colunista Hector Cardoso termina assim seu artigo “por eso la **alegría** esta vez fue

sólo Argentina”(*Clarín*, 8 de junho de 2005. Grifos meus). Existe uma música na Argentina que diz que “la alegría no es sólo brasileira”. O autor é Charly Garcia e a canção se chama “Yo no quiero volverme tan loco”. O mito da “alegria brasileira” é, de fato, muito difundido na Argentina e torna-se mais evidente nas análises sobre o futebol brasileiro.

En *La Nación*, a coluna de Daniel Arcucci sob o título “Un Partido para cambiar la historia” diz o seguinte:

“Seguramente la foto que mejor vendió el partido fue aquella en la que aparecía Ronaldinho con...Maradona. Nada resultaba más preciso para definir al partido antes del partido: hoy por hoy, **la Argentina debía recurrir a la historia – y a la más rica – para oponerse a los Ronaldinho** (...)Hoy la Argentina debe recurrir más que nunca **al conjunto para oponerse a las individualidades**” (*La nación*, 9 de junho de 2005. Grifos meus)

Mais uma vez temos uma narrativa que explicita a tensão entre “jogo bonito” baseado nas “individualidades” e o futebol mais “coletivo”. Observemos que esta tensão também aparece no Brasil em termos do que se convencionou chamar de “futebol-arte” e “futebol de resultados”. Ela apareceu com mais intensidade principalmente após a derrota da seleção de 82 e a vitória da seleção de 94. Porém, creio que a tensão, da forma como está colocada neste contexto nos jornais argentinos, tende pela admiração ao “jogo bonito”, que seria uma “marca registrada” do futebol brasileiro, apesar de estar presente também na “constução” do futebol argentino. Porém, as narrativas indicam que a seleção argentina consegue derrotar o “jogo bonito”, agregando um atributo mais “europeizado” na “construção” de seu futebol: o jogo coletivo.

Já o *Olé*, entre várias ironias (como, por exemplo, referências a que tipo de água a seleção brasileira teria bebido, já que antes da partida ocorreram rumores de que a seleção brasileira iria trazer sua própria água para a Argentina, uma alusão a “água com sonífero” que o ex-jogador Branco teria tomado na partida contra Argentina na Copa de 1990) temos a coluna de Farinella dizendo o seguinte “Parece una cosa de locos, pero la diferencia de jerarquía individual se invirtió: **los cracks no eran ellos, eran los nuestros**. Para no exagerar, porque después en el Mundial **los negritos se despiertan**, digamos que **anoche los cracks fueron los nuestros**” (*Olé*, 9 de junho de 2005. Grifos meus). Apesar dos estereótipos e do preconceito (“negritos”) Farinella também evidencia a tensão mencionada acima, só que dizendo que “eles” foram “nós”, que o “jogo bonito” foi o dos argentinos.



O material mais emblemático e expressivo deste período foi publicado nas páginas 20 e 21 do *Olé* do dia 10 de junho: uma foto da seleção argentina, com os onze jogadores que jogaram aquela partida. Só que a foto está “maquiada”. Todos os jogadores estão escurecidos e com os lábios grossos, como se fossem negros. Embaixo da foto, no canto direito, está escrito em português: “Jogo Bonito”. O que quer dizer esta foto? Preconceito ou estereótipo? Notemos que, de fato, naquela seleção brasileira só Kaká era branco. Por isso, aposto mais na idéia de estereótipo. Era como se a foto estivesse dizendo tudo aquilo que Farinella e outros estavam colocando. Algo como nesta partida “nós” fomos “vocês”, “nós” fomos “brasileiros”. Ou: “nós” também sabemos “jogar bonito”, mas para isso, precisamos nos “abrasileirar”. Estamos diante da expressão de preconceito racial ou diante da admissão da lendária proeza esportiva do “outro”, no caso, o “brasileiro” ou melhor, o “negro brasileiro”? A imagem mobiliza emoções dúbias: desprezo pela superioridade esportiva e racial que não era tanto (pelo menos neste dia) ou uma forma de ostentar um dos traços do “outro”: sua raça, sua estirpe negra de campeões históricos? São questões importantes importantes a serem pensadas⁶. Pesquisei na internet e encontrei que foi uma equipe publicitária quem elaborou a foto. E lá eles diziam que a “peça publicitária” foi criada com picardia e respeito. Era um “deboche respeitoso” ou como coloquei no título desta parte era a argentina “abrasileirada”.

Esta tensão entre “futebol criollo”, “jogo bonito” e “garra” vai continuar, apesar de que com um tom diferente, no confronto seguinte.

4- “Jogo Bonito” ou o “Brasil Brasileiro”: Brasil e Argentina nas matérias do *Clarín*, *Olé* e *La Nación* entre os dias 28 e 30 de junho de 2005

Brasil e Argentina se classificaram para a final da Copa das Confederações realizada na Alemanha em 2005. Assim, 21 dias depois da partida realizada em Buenos Aires teríamos outro “duelo”. Ao mesmo tempo ocorreria também um confronto entre as equipes sub 20 pelas semifinais e um outro entre São Paulo e River Plate pela Copa Libertadores da América. Este fato – três confrontos – foi muito divulgado na imprensa argentina. Por conta da vitória nas eliminatórias, as matérias antes da partida estavam carregadas de um tom mais otimista do que as matérias antes do confronto do dia 8 de junho. O elemento “europeu” foi menos acionado aqui que antes daquela partida

⁶ Sou grato a Fernando Andach pelas observações a respeito desta foto.

O *Olé* do dia 28 de junho coloca na sua capa um boneco de Pelé (o rosto é uma foto de Pelé) todo espetado, como se fosse um vudu. O título da capa era “Que Gane El Mejor” e o texto dizia: “Hoy debutamos con los pibes y mañana vs. los hijos mayores. Argentina-Brasil, el mayor duelo del fútbol mundial, dos días en continuado a pura final. Vamos muchachos, no nos pinchen la ilusión”. Dentro do jornal o colunista Tomás Sanz escrevia:

“También mañana juegan River-San Pablo, que no son selecciones pero que inevitablemente remiten al clima de clásico – **el mejor del mundo** – entre la blanca y celeste y la verde y amarilla. **El choque con Uruguay, una lástima, ha dejado de tener esas características.** Así que el ´tour dos días de Argentina-Brasil, visita guiada, convoca más que nunca. En fin, una mitad de semana movidita. Como para no perdérsela” (*Olé*, 28 de junho de 2005. Grifos meus)

Nitidamente, o texto deixa claro o tom de igualdade. Já Roberto Perfumo corrobora a idéia da “força argentina” nos confrontos com o Brasil, do “suposto medo” dos brasileiros nestes confrontos, mas estendendo esta “crença” para toda a Europa: “Hay respeto por la celeste y blanca” – “La selección mayor y el sub 20 consolidan en Europa la imagen de un fútbol que mete miedo”.

En *La Nación* do mesmo dia, o colunista Articulista Daniel Arcucci escreve:

hoy por hoy, nada vende mejor al fútbol en el mundo que un clásico entre la Argentina y Brasil. Y la sucesión de dos de ellos, en diferentes categorías, en distintos países de Europa, permite jugar con la imagen fantástica de un mega espectáculo itinerante (...) La verdad es que no hay en el planeta fútbol un clásico que se pueda comparar con éste: siete títulos mundiales sobre el campo de juego, una rivalidad histórica marcada por la cercanía geográfica y por **el duelo de estilos, los nombres de los dos más grandes jugadores de la historia como reyes y muchos príncipes de cada lado disputando la herencia**” (*La Nación*, 28 de junho. Grifos meus)

Aqui, o texto fala de um duelo de estilos, sem especificar que estilos são estes, mas se refere a Pelé e Maradona como os maiores da história. Mas o que importa notar é que estas matérias, ao contrário das matérias antes do confronto pelas eliminatórias, apresentam uma narrativa de igualdade entre as duas seleções.

No dia 29 de junho, após a vitória argentina sobre o Brasil na Sub 20, *Olé* traz na capa uma foto de Lionel Messi (jogador e maior “revelação” da seleção argentina naquele campeonato) com o título: “O Rei: Messi es el Diego del sub 20...”, só que ao lado da letra “o” aparece o boneco-vudu de Pelé. Atentemos também para o título em português: “O Rei”. Dentro temos uma matéria com a foto de Adriano na frente de um poster escrito “Argentina”. A legenda da foto diz: “Adriano, fíjate que el cartel de atrás



mete miedo”. Mais uma vez, a crença de que a seleção brasileira teme a da Argentina. E ainda temos uma matéria com o título “¿Y vos de qué te reís? Los brasileños armaron una scola de samba en la práctica. A ver si se les borra la sonrisa” Em cima da página o boneco-vudo de Pelé. Interessante notar também a tentativa de escrever escola em português, já que em espanhol se escreve “escuela”. O enviado especial Marcelo Sottile parece incomodado com o que ele qualifica de “alegria brasileira”, ao contrário das matérias antes da partida do dia 8 de junho que enalteciam a “alegria” e termina sua reportagem assim: “los brasileños, ya derrotados hace 21 días en el Monumental, para preguntarles de qué se ríen...”.

Já Daniel Córdoba escreve que depois de muito tempo a Argentina:

“enfrentará a Brasil **a la brasileña o a la argentina**, siendo ésta una de las tantas formas que puede encarar compromisos internacionales. **Brasil siempre es Brasil, con cualquier DT.** Argentina varió su identidad cada vez que asumió un técnico. Y la elegida en este caso **se asemeja muchísimo a la brasileña**” (Olé, 29 de junho de 2005. Grifos meus)

Aqui temos a comprovação de uma crença que aparece muitas vezes no noticiário argentino de que a seleção brasileira nunca abandonou seu estilo de jogo. Mas temos também uma narrativa mais otimista que diz, em tom elogioso, que esta seleção Argentina se parece muito com a brasileira.

Após a derrota por 4 a 1 e a conquista do Brasil na Copa das Confederações, o *Clarín* e o *La Nación* colocaram fotos dos jogadores argentinos de cabeça baixa, recebendo a medalha de vice-campeões, na primeira página de suas edições. O *La Nación* colocou o seguinte título para a foto: “La alegría fue sólo brasileña”. E o texto dizia: “El fútbol argentino vivió un día de desilusión ante el poderío que mostró su vecino brasileño (...) Brasil goleó a la Argentina por 4 a 1 con un juego de alto vuelo y contundencia (La Nación, 30 de junho de 2005). Na seção de esporte com a capa trazendo uma foto de Aimar com Riquelme no chão e o título “Por demolición” temos um texto que diz: Brasil demostró por qué es **el mejor del mundo**, vapuleó a la Argentina por 4-1 con un fútbol **técnico y contundente ...**” (*La Nación*, 30 de junho de 2005. Grifos meus). O enviado especial Daniel Arcucci escreve:

“La imagen era la misma, repetida tantas veces en los últimos años que ya invita al peligroso acostumbramiento. **Brasil levantando una Copa por allá, Argentina lamentándose por acá. Los cracks con camiseta verdeamarilla, los buenos jugadores con camiseta argentina. Las finales de ellos, los partidos nuestros**” (*La Nación*, 30 de junho de 2005. Grifos meus)

A frase de Simeone antes da primeira partida é destacada em várias matérias. Ainda na mesma reportagem, Arcucci aponta “Los diez golpes que llevaron al knock-out”. Vale a pena citar as razões número 9 e 10. A razão 9 dizia o seguinte: “Porque se provocó al monstruo. Durante toda esta Copa de las Confederaciones, Brasil trabajó sobre los errores en el Monumental...”. E a razão 10 remete à frase de Simeone: “Finalmente, porque la máxima de Simeone, tiene más vigencia que nunca: Brasil tiene cracks. La Argentina buenos jugadores.”

O *Clarín*, com foto semelhante a do *La Nación*, colocou no título da primeira página: “La derrota que más duele”. E na seção esportiva fizeram um trocadilho com a palavra miércoles (quarta-feira): “Día de Miércoles”. Uma referência as duas derrotas: a da seleção e a do River Plate para São Paulo. Um artigo de Miguel Vicente termina assim:

La selección se llenó de entusiasmo porque enfrente estaba el rival que había vapuleado poco tiempo atrás y ante quien había festejado la clasificación para Alemania 2006. Pero quedó claro que el potencial de Brasil **es de otra categoría** que supera ampliamente el buen material que pueda tener Argentina” *Clarín*, 30 de junho de 2005. Os grifos são do próprio jornal)

E o jornalista Miguel Bossio escreve:

“Aquí, en la Manhattan Alemana, quedó comprobada una vez más la máxima que anda dando vueltas desde hace tiempo en el mundo futbolero: que Argentina cuenta con muchos buenos jugadores, sí pero que Brasil es el único que tiene los cracks.” (*Clarín*, 30 de junho de 2005)

Ou seja, a frase de Simeone ganha uma dimensão expressiva após a derrota e corrobora a crença do “jogo bonito” como marca registrada do Brasil. De forma ainda mais emblemática o texto desta matéria termina assim:

“comenzaron a escucharse tambores. Y ruidos. Era todo el plantel de Brasil que, tras las duchas y al ritmo de pagode que tanto le gusta a Ronaldinho, hicieron un trencito y recorrieron el serpenteado camino de la zona mixta **cantando alegremente**. No hablaron con la prensa, pero a nadie le importó: **dieron una lección de alegría difícil de imitar. Muy difícil...**” (*Clarín*, 30 de junho de 2005. Grifos meus)

O tema da alegria e toda a sua dimensão mítica. A narrativa parece se ressentir do “suposto fato” da Argentina não ter esta “alegria”. Interessante observar também que na seção de cultura do jornal, neste mesmo dia, havia uma charge com os mapas do Brasil e da Argentina, com a seguinte legenda: “!Una transfusión de alegría, por favoor!”

Já o *Olé* publicou uma de suas capas mais famosas. Vários jornais brasileiros noticiaram o fato e, segundo o próprio *Olé*, jornais de todo o mundo. Na capa só havia o



seguinte texto em um fundo amarelo: “ERROR: 30-06-2005. Por razones técnicas no se pudo imprimir esta tapa. Disculpen, hasta mañana” (*Olé*, 30 de junho de 2005). Dentro do jornal a coluna de Walter Vargas tinha como título: “A soñar, sin olvidar que son mejores” e dizia que “ellos tienen cinco o seis jugadores extraordinarios y muchos muy buenos, que cuánto más bs exigen mejor rinden”. Em um tom ainda mais elogioso, a reportagem de Marcelo Sottile, o mesmo que parecia incomodado com a “alegria” brasileira antes da partida) tinha como título: “Felicitaciones: por un rato dan ganas de aplaudir a Brasil”. E o texto começa advertindo ao argentino fanático para não ler a nota pois “por un día, o por un rato dan ganas de aplaudir a Brasil con **más envidia que odio por el talento ajeno**” (*Olé*, 30 de junho de 2002. Grifos meus). O jornalista fala de “batucada” e diz que:

“Así se muestran. Bailando con sus mejores sonrisas, cantando ante ojos extraños **como un grupo que se divierte** sin que los rivales le saquen la pelota. Porque son así, **son profesionales del juego bonito**, Y en la cancha suelen mostrar los dientes (...) Como supo decir Simeone: Brasil tiene varios cracks. La Selección grandes jugadores. Entonces, cuando ellos se encienden el mismo día ya a la misma hora – como esta vez, Adriano, Ronaldinho y Kaká -, no se los detiene ni con orden de captura internacional (...) A decirlo de una vez: **felicitaciones. Igual. Maradona es argentino. Y fue mejor que Pelé...**” (*Olé*, 30 de junho de 2005)

A narrativa enfatiza a admiração pelo futebol brasileiro, com todos os estereótipos “construídos” de “alegria” e “diversão”. Desta vez, “jogo bonito” aparece em espanhol: “juego bonito”. Foi a primeira vez que vi assim. Creio não ter nenhum significado especial. Porém, ressaltemos que no final, logo após os “parabéns”, vem como um efeito consolador a frase que “Maradona é argentino e foi melhor que Pelé”. Ou seja se no “olhar” argentino, a marca do futebol brasileiro é o “jogo bonito” – que talvez seja o ideal do “futebol criollo” -, o jogador que mais soube jogar desta forma é, nesta narrativa, argentino. A referência a Maradona nos dois confrontos contra o Brasil em 2005 é emblemática. Pois se nestas partidas, a Argentina buscou atributos considerados mais “europeus” – futebol coletivo, marcação e força – a figura de Maradona seria o contraponto destes atributos, remetendo o leitor à “constuição” inicial do futebol argentino.

5 – Considerações Finais

Freqüentemente tendemos a olhar o “outro” de forma “homogênea”. E, neste processo, os recursos acionados são invariavelmente os estereótipos. As relações entre



brasileiros e argentinos não poderiam ficar imunes a este processo de homogeneização com o uso de estereótipos para “olhar” o “outro”, principalmente em um terreno onde as rivalidades se acirram. Na análise do material coletado ficou evidente a estereotipização no “olhar” argentino sobre o futebol brasileiro. Características como “alegria”, “diversão”, “habilidade” e “individualismo” são vistas como marcas intrínsecas do jogador ou do futebol brasileiro. E todas elas juntas formam o que se denominou chamar no país de “jogo bonito”. O conjunto destas narrativas parece enfatizar mais admiração que “ódio”. Porém, o mais interessante aqui é que o futebol argentino foi “construído” tendo como base o “criollismo”, com atributos como “gambeta” e “futebol-arte” em oposição a “rigidez de esquemas táticos”, entendida como “futebol-força”, onde o principal antagonista seria o inglês, de forma particular, e o europeu, de forma geral. O que fazem então os argentinos quando “olham” para seu vizinho que “construiu” seu futebol em bases semelhantes? Pela análise do material da Copa do Mundo de 1970, o “olhar” marcava uma identificação com o Brasil, que representava então a “escola sul-americana”. O fato da Argentina não ter participado daquela época pode ter sido uma das razões para o acionamento desta identificação, como uma forma de “construir” o pertencimento. Ainda assim, considero o fato relevante. Mas pelas análises dos confrontos de 2005, percebemos uma “mudança” na identidade argentina. Um elemento geralmente mais secundarizado vem à tona, ao primeiro plano: a “força”, o futebol coletivo, que seriam nas “constuções” do passado, típicas do futebol inglês, ou europeu. Seja na identificação ou na marcação de uma “outra singularidade” argentina (mais européia), a admiração pelo futebol brasileiro é notória e explícita em várias matérias analisadas.

Ressaltemos que Gustavo Ribeiro (2002) pensa que apesar do “gauchismo” e “criollismo” é a Europa o “grande e subjacente referencial distintivo da argentinidade.” Em termos do “olhar” hegemônico do “outro” para a Argentina, Buenos Aires é a cidade referência e, por conseguinte, o argentino é visto como o “portenho”. Falando especificamente de futebol, creio que há uma tensão entre os referenciais “criollistas” e “europeístas”, mas com um forte predomínio dos primeiros. A revista *Viva do Clarín* do dia 31 de julho de 2005 publica uma matéria sobre estrangeiros que vêm para Buenos Aires para filmar ou “fazer negócios” e sobre argentinos que são contratados por empresas de outros países depois da crise de 2001. Em um momento a matéria destaca a frase de um cineasta italiano: “Nunca antes, en ningún país, había encontrado semejante adaptabilidad al trabajo y a las circunstancias imprevistas que suelen surgir en los sets



de filmación. Aquí, ningún problema tarda más de cuatro o cinco minutos en superarse; siempre hay predisposición, ingenio y mucha **maña**, como dicen por acá” (grifos da matéria). Nesta passagem temos um estereótipo mais próximo do “jeitinho brasileiro” ou do “ethos criollista”. Em outro momento, a matéria coloca no alto da página a seguinte epígrafe, retirada da fala de um dos entrevistados: “La garra, el ingenio, y el compromiso con el trabajo son valoradas por los extranjeros que nos contratan”. Já aqui temos a junção de esterótipos “criollistas” (ingenio) com outro mais “europeísta” (la garra y el compromiso con el trabajo) como sendo a marca da “argentinidade”. A narrativa da matéria deixa transparecer uma tensão existente entre os dois referenciais, mesmo em Buenos Aires.

Finalmente, gostaria de refletir sobre um ponto. Nas análises do material coletado mostramos que, mesmo no *Olé* – jornal que tradicionalmente “implica” com o Brasil – evidencia-se sentimentos ambíguos de admiração, inveja, repulsa, amor e ódio (ou “ódio de amar”). Como mencionei no início do artigo, estou convencido de que nossa implicância com os argentinos é maior e de outra natureza – predomínio de sentimentos de repulsa e ódio (ou “amor de odiar”). Por que reagimos assim? Pode ser que necessitemos mais “deles” para marcar nossa alteridade do que “eles” de “nós”. Esta é uma hipótese plausível que, no entanto, merece uma pesquisa mais detalhada.

6 - Referências Bibliográficas

Alabarces, Pablo. *Fútbol y Pátria: el fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina.* Buenos Aires, Prometeo Libros, 2002.

Archetti, Eduardo. *Masculinidades: fútbol, tango y pólo en La Argentina.* Buenos Aires, Editorial Antropofagia, 2003.

Frigerio, Alejandro. “A Alegria é Somente Brasileira: a exotização dos migrantes brasileiros em Buenos Aires”. In Frigerio, Alejandro e Riberio, Gustavo Lins (orgs.) *Argentinos e Brasileiros: encontros, imagens e estereótipos.* Petrópolis, Vozes, 2002.

Guedes, Simoni. “De Criollos e Capoeiras: notas sobre futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil” Caxambu, ANPOCS, 2002 (CD-ROM)

Helal, Ronaldo; Soares, Antonio y Lovisolo, Hugo. *A Invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria.* Rio de Janeiro. Mauad: 2001.

Ribeiro, Gustavo Lins. “Tropicalismo e Europeísmo: modos de representar o Brasil e Argentina” In Frigerio, Alejandro e Riberio, Gustavo Lins (orgs.) *Argentinos e Brasileiros: encontros, imagens e estereótipos.* Petrópolis, Vozes, 2002.

Soares, Antonio e Lovisolo, Hugo. “Futebol: a construção histórica do estilo nacional”. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, volume 25, número 1, Campinas, Editora Autores Associados, 2003.